

O QUE PODE A PROFESSORA DE FLE À LUZ DO OLHAR DECOLONIAL? REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA

LETÍCIA SILVEIRA DE OLIVEIRA¹;
ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leticiaoliveprof@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Língua é poder (DIJK, 2008) e se há poder, existe também a sua manutenção através da subalternidade e dominância. “Pode o subalterno falar?” É a pergunta-título – quase que retórica – feita por GAYATRI SPIVAK (2008) e que me leva a tantas outras indagações dentro da problemática do papel de professores de língua para a perpetuação de certos paradigmas ligados à aprendizagem de língua ou a sua subversão. Estas inquietações pedagógicas levam-me ao título disto que tento refletir agora. O que pode a professora de línguas européias cuja grande parte de sua difusão foi-se dada na imposição de uma linguagem que tinha como empresa a colonização e exploração?

O poema *Os incêndios de papel em vez de crianças* de ADRIENNE RICH (1984), no qual a poeta utiliza-se do eu-lírico como denúncia contra a dominação e a opressão de classes, versa “Esta é a língua do opressor, no entanto eu preciso dela para falar com você”. Este verso tomou-me como uma ideia fixa, um slogan do fazer docente de professores de línguas. Para que se aprende uma língua atualmente a não ser por questões calcadas na lógica exploratória e mercantil? Todo discurso é munido de ideologia, não há neutralidade (PÊCHEUX, 1986), portanto as palavras podem humilhar, apagar, assediar, empoderar, criticar, engrandecer-nos. Este meu ensino tem levado para que lugar dialético e o valor simbólico destas palavras (BORDIEU, 1989)? Com qual intento chegam elas no seu interlocutor final?

Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, traz a questão da linguagem ao abordar estas estruturas de poder quanto à aquisição da língua francesa pelos antilhanos, trazendo à tona a problemática de que falar uma língua, assumir sua morfologia, reproduzir sua fonética, pressupõe assumir uma cultura e suportar o peso de sua civilização e que para que as Antilhas fossem equivalentes ao homem branco e, portanto, ao do homem civilizado, deveria fazer do francês sua língua, o francês da França, o francês do Francês, o francês Francês. Em suas palavras “o homem que possui a linguagem possui à contragolpe o mundo expresso e implicado pela linguagem. Vê-se onde nós queremos chegar: há, na posse da linguagem uma extraordinária potência” (FANON, 2008, p. 14).

De volta à reflexão de SPIVAK (2008, p. 61), a mesmo indaga-nos ainda “com que voz-consciência pode o subalterno falar?” e mencionando FOUCAULT (2008, apud Spivak, 2010, p. 61) sugere que “tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico”. A partir deste poder falar e tornar visível construirei minha narrativa reflexiva sobre as práticas de ensino da língua francesa enquanto professora do/no Sul-global,

tentando responder a minha própria indagação do quão decolonial a minha prática docente pôde, pode e poderá vir a ser.

2. METODOLOGIA

Esta discussão em primeira pessoa faz-se como uma narrativa de experiência pedagógica. Reside na reflexão da minha formação docente inicial e continuada, surgindo da necessidade constante de trazer criticidade política para o que vislumbro ser atualmente o ensino de línguas. Aqui indago de que maneira as suas abordagens tocam no meu fazer pedagógico enquanto professora de língua francesa do/no Sul-Global. Além do mais, de que forma as epistemologias dominantes atravessam a minha prática pedagógica para que assim eu possa questionar a mim própria como articuladora de ideologias e se estas podem transgredir paradigmas de ensino de línguas, sobretudo europeias, à luz das teorias decoloniais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A língua engendra vários mecanismos que transpassam a questão metalinguística, mas também estes mesmos mecanismos – valor simbólico, status, prestígio, entre outros – estão disponíveis para sua reafirmação ou seu desmanche. Enquanto professora de língua portuguesa, francesa e literaturas formada no extremo sul do Brasil, questiono-me sobre o poder de articulação e de afirmação de nossa existência como nativos do Sul-Global que a educação decolonial possibilita.

Durante meus anos de formação inicial, tive demonstrações desta educação transgressora do francês do hexágono, da língua de Molière que elucidam que a presunção de uma posse – de algo, de alguém – é equivocada, a língua não é um patrimônio de uma nação, povo e a ninguém pertence (CASSIN, 2023) e, se pertencesse, não seria a um dramaturgo parisiense do século XVII. Ela ultrapassa fronteiras, continentes e é apropriada por aqueles que através dela ativam sentidos, externam intenções, intervêm socialmente, enfim, fazem-se na sua existência como seres que se apropriam da linguagem (ANTUNES, 2007).

O ciclo da Francofonia, organizado pelas professoras do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, propunha palestras com pessoas que se ligavam diretamente com a Francofonia. Aliás, a apropriação da Francofonia e a comunidade mundial de francófonos ajuda-nos a entender que a língua francesa não está a um continente de distância de nós, habitantes do Sul Global. Inclusive, fala-se francês no nosso continente e se se fala, também se produz literatura, estudos científicos, narrativas e perpetuam-se vozes em francês que não repercutem tanto, mas que podem se tornar visíveis. Quanto de espaço nós, professores de francês língua estrangeira (FLE), temos engajado para tornar visível as vozes de caribenhos, senegaleses, congoleses, acadianos, guianenses, taitianos, entre tantas outras? Quando eles podem falar? Deixo-os falarem através de mim? Sou eu a portadora dessas narrativas em sala de aula?

É inevitável dentro dos tentáculos do capitalismo tardio que o ensino de línguas tenha se tornado um mercado e a língua uma mercadoria. Professores de FLE, imbricados neste sistema, podem – e eu inclusa – tender a instrumentalizar a língua, gramaticaliza-la saturadamente, apoiando-se em livros didáticos e métodos que pouco vislumbram a interculturalidade, o multilinguismo, a troca e a alternância de poder intrínseca a todo discurso e, portanto, a todo falante.

Pego-me, por vezes, reproduzindo a ideologia dominante da aprendizagem de línguas, mitos que repercutem dentro de um sistema utilitarista – provas de proficiência, prazos de aprendizagem, tornar-se fluente em x período de tempo, regras gramaticais acima da cultura de toda uma identidade linguística ampla, puristas da Academia Francesa – que me esmaga também, pressionando-me a também ser um sujeito útil dentro desta lógica mercantil. E o que faço de mim com isso? Como fazer da minha prática pedagógica uma fuga ao utilitarismo predatório e do imperialismo e suas tentativas de apagamento de capital cultural?

O subalterno tanto pode falar quanto fala, saindo do seu lugar de subserviência, basta a mim – o que não é tarefa fácil – tornar visível estas vozes e trazer ao meu fazer pedagógico a educação pela educação, pela criticidade e pela transgressão. Nas palavras de bell hooks em ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade (2013), no ensino também há o sagrado materializado através do respeito das existências, da conscientização e engajamento crítico, tornando o ato de ensinar algo além de transmitir informações. O primordial para a pedagogia é que ela seja política e engajada. A minha busca pela prática educacional decolonial não se finda jamais, mas orienta-se na autoatualização, revolucionando valores, trazendo à sala de aula um modelo holístico de educação.

Fazer do meu fazer educacional um ato de subversão dos ensinamentos dogmáticos que nos circundam e trilhar este caminho como quem desbrava uma mata nativa, sempre buscando saber mais das ervas daninhas que nos prendem os pés, reinventando o que chamamos de aprendizagem de línguas, que não nos pertence, mas, seguramente, somos pertencentes a elas e, a partir delas, possamos existir ativamente enquanto sujeitos críticos.

4. CONCLUSÕES

Este resumo traduz-se como a parte inicial do trabalho de conclusão da pós-graduação que visa problematizar a minha prática pedagógica enquanto professora de FLE na América Latina, extremo sul do Brasil. O questionamento que faço é o quão decolonial posso reconhecer minha abordagem enquanto professora do Sul-Global.

As reflexões aqui iniciadas serão desenvolvidas em processos de análise pragmática de ensino com ancoragem na perspectiva decolonial. Buscarei refletir o ensino do francês não só o debate do que vem a ser Organização Internacional da Francofonia como um certo paternalismo e, portanto, uma manutenção da colonialidade do saber (QUIJANO, 2000), mas trazendo para o centro da aprendizagem vozes de comunidades francófonas através da literatura, música, oralidade e dialetos, costumes e identidade simbólica e sobretudo, através das narrativas destas existências e suas formas de expressão.

A necessidade que surge é de pensar uma educação transgressora e libertadora que possa gerar debates futuros da práxis em sala de aula. Termino esta narrativa reflexiva nas palavras de FREIRE (1995, p. 103), que lindamente nos inspira com a função de educar dizendo que o professor deve "Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007

HOOKS, bell, Ensinando a transgredir – Educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [original: *Le pouvoir symbolique*, 1989].

CASSIN, B. Plus d'une langue. Paris. Bayard Éditions, 2023.

DIJK, Teun A. van. *Discourse and Power*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2008.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 14.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 6. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995. p. 103.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura e Contradição*. Campinas: Pontes, 1986.

RICH, A. Os incêndios de papel em vez de crianças. In: _____. *The Fact of a Doorframe: Poems Selected and New, 1950–1984*. New York: W.W. Norton, 1984. p. 240-241.

SPIVAK, G.C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 61.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.